

Literatura e suportes de leitura: afetividade, disponibilidade e propósito

Literature and reading media: affectivity, availability and purpose

***Literatura y soportes de lectura: afectividad, disponibilidad y
propósito***

Patrícia Cardoso Batista¹

 0000-0002-3096-6178

Sheila Oliveira Lima²

 0000-0002-0993-8228

RESUMO: Este artigo discute a relação entre suporte de leitura, literatura e acesso na era digital. Diante disso, o objetivo é identificar as motivações que levam os jovens a lerem em um suporte diferente daquele preferido por eles. Para tanto, realiza-se um recorte do *corpus* de dados da tese de doutorado desenvolvida por Batista (2025) no âmbito da Universidade Estadual de Londrina. Trata-se de uma pesquisa, de natureza qualitativa e caráter exploratório, que analisa entrevistas com dez estudantes do último ano do Ensino Médio de cinco escolas estaduais do Paraná. Fundamenta-se nas pesquisas desenvolvidas por Ribeiro (2017, 2020), Freud (2020), Leite (2011), Barthes (2004), Petit (2009), Jouve (2002), dentre outros. Os resultados indicam que, embora o acesso à literatura tenha se ampliado com os dispositivos eletrônicos, o suporte impresso ainda é o de maior preferência entre os jovens.

Palavras-Chave: Suportes de leitura; Jovens; Escola.

ABSTRACT: This article discusses the relationship between reading media, literature, and accessibility in the digital age. In this context, its objective is to identify the motivations that lead young people to read in a medium other than their preferred one. To this end, a subset of the data corpus from the doctoral thesis developed by Batista (2025) at the State University of Londrina is analyzed. This is a qualitative and exploratory study that examines interviews with ten students in their final year of secondary education at five state schools in Paraná. The study is grounded in research conducted by Ribeiro (2017, 2020), Freud (2020), Leite (2011), Barthes (2004), Petit (2009), Jouve (2002), among others. The results indicate that, although access to literature has expanded through electronic devices, printed media remains the most preferred choice among young people.

Keywords: Reading media; Youth; School.

¹ Doutora em Estudos da Linguagem (UEL). Professora na Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Tecnologia Educacional Digital (EAD-UAB). E-mail: patty_jbt@hotmail.com

² Doutora em Educação (USP). Professora no departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: sheilalima@uel.br

RESUMEN: Este artículo analiza la relación entre el soporte de lectura, la literatura y el acceso en la era digital. En este sentido, su objetivo es identificar las motivaciones que llevan a los jóvenes a leer en un soporte distinto de aquel que prefieren habitualmente. Para ello, se realiza un recorte del corpus de datos de la tesis doctoral desarrollada por Batista (2025) en el ámbito de la Universidad Estatal de Londrina. Se trata de una investigación de carácter cualitativo y exploratorio, que analiza entrevistas realizadas a diez estudiantes del último año de la educación secundaria en cinco escuelas estatales del Paraná. El estudio se fundamenta en los aportes teóricos de Ribeiro (2017, 2020), Freud (2020), Leite (2011), Barthes (2004), Petit (2009), Jouve (2002), entre otros. Los resultados indican que, si bien el acceso a la literatura se ha ampliado mediante los dispositivos electrónicos, el soporte impreso sigue siendo el de mayor preferencia entre los jóvenes.

Palabras Clave: Soportes de lectura; Jóvenes; Escuela.

Introdução

Os avanços das tecnologias digitais promoveram mudanças significativas em diferentes práticas sociais. Na contemporaneidade, é possível acessar e ler textos por meio das telas de diversos dispositivos eletrônicos, como computadores, *tablets*, leitores digitais e *smartphones*. Nesse cenário, figura uma ampla gama de textos literários disponíveis no ciberespaço, abrangendo textos impressos que migraram para o digital e aqueles com existência exclusiva nesse formato.

A era digital ampliou, em certa medida, tanto a produção e circulação quanto o acesso à literatura. Ao lançar mão de dispositivos eletrônicos necessários e das habilidades para utilizá-los, os leitores não estão mais restritos aos exemplares impressos que podem comprar ou tomar emprestado. Somado a isso, tem-se a possibilidade de acessar textos que não foram publicados no Brasil, ou mesmo em sua versão em português. Portanto, caso os leitores desejem ler uma obra literária específica, os dispositivos eletrônicos configuram-se como uma alternativa interessante.

À primeira vista, podemos ter a impressão de que se trata de mera mudança de suporte, já que o conteúdo do texto, na maioria das vezes, é o mesmo. Entretanto, como demonstra a pesquisa de Batista (2025), a questão é mais complexa, envolvendo uma relação entre leitor, texto e suporte³, uma relação em

³ Destacamos que, nesta pesquisa, entendemos o suporte como um lugar físico ou virtual que tem um formato específico (como livros, jornais, outdoor, revistas etc.) e que serve para fixar e mostrar o texto, tornando-o acessível aos leitores, com base nas considerações de Marcuschi (2003). Isso quer

que o corpo do leitor e o corpo do livro comparecem e interagem. Diante disso, é essencial refletirmos sobre as diferentes nuances envolvidas nesse processo, em que estão em jogo afetividade, disponibilidade e propósito.

Apesar da ampliação das possibilidades de acesso aos textos, a pesquisa de Batista (2025) constatou que os jovens preferem ler obras literárias no papel, o que indica que o códice impresso ainda resiste frente ao avanço digital, apesar das vantagens que este parece oferecer. No entanto, nem sempre o leitor consegue realizar a leitura no suporte preferido, afinal, a ampla desigualdade que marca a sociedade brasileira implica baixos investimentos em bibliotecas públicas e escolares, para citar um dos fatores que dificultam o acesso do público a materiais físicos de leitura.

Escolher o suporte para a leitura literária é privilégio de poucos, o que leva grande parte dos leitores a buscar se adequar às suas possibilidades contextuais. Esses leitores de carne e osso, conforme define Vincent Jouve (2002), antes de adentrarem a leitura já têm que lidar com os impeditivos da realização de seu desejo, como um lembrete de que será sempre atendido apenas parcialmente, como aponta Sigmund Freud (2020).

Em vista disso, neste artigo, objetivamos identificar o que leva os jovens a lerem em um suporte diferente daquele preferido por eles. Para tanto, analisamos as respostas dadas a entrevistas realizadas com dez estudantes do último ano do Ensino Médio de cinco escolas estaduais paranaenses, como estratégia para coleta de dados de uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa.

Posto isso, este trabalho apresenta um recorte do corpus que compõe a pesquisa de doutorado desenvolvida por Batista (2025).

Afetividade, objeto e mediação

As práticas de leitura são permeadas pelo afeto, seja em relação ao conteúdo do texto, ao objeto (suporte) em que está inscrito — que pode ser a tela de um

dizer que, ao adquirir um livro impresso, ao acessarmos o objeto, imediatamente podemos lê-lo, diferentemente do livro digital, que para ser lido é preciso de um dispositivo eletrônico que sirva como suporte.

dispositivo digital ou o papel —, ou mesmo pela figura do mediador que apresenta a obra ao leitor.

A esse respeito, Sérgio Leite (2011, p. 29) expõe que as relações estabelecidas entre sujeito-objeto-agente mediador são marcadamente afetivas, pois envolvem não só as esferas cognitivas/intelectuais, mas também “provocam repercussões internas e subjetivas nos sujeitos, de natureza basicamente afetiva.”

Leite (2011) considera ainda que a constituição do leitor “é um processo socialmente construído, determinado basicamente pela história de mediações sociais vivenciadas pelo sujeito, incluindo desde o ambiente familiar, passando pelas diversas situações sociais, até, obviamente, a escola” (Leite, 2011, p. 37). Nesse sentido, é possível considerar que o tipo de relação afetiva que se estabelecerá entre o aluno e a leitura, seja de aproximação ou afastamento, dependerá das práticas de mediação desenvolvidas em sala pelos professores, fator que terá seus reflexos por toda a história de leitor desse sujeito.

Nesse contexto, considera-se o livro, enquanto objeto físico, elemento fundamental na relação entre leitor e leitura, afetando o sujeito de formas diversas. O desejo pelo objeto livro tem sido assunto em diversas discussões, acadêmicas ou não, as quais apontam a relevância da relação do leitor com os suportes de leitura.

A biblioteca é um dos espaços que possibilitam ao leitor o acesso gratuito a livros impressos. Entretanto, conforme Roland Barthes (2004), o livro emprestado em uma biblioteca difere daquele agarrado em uma livraria e assim concebido como um fetiche, pois envolve um procedimento burocrático que estabelece sua devolução em prazo determinado, independentemente do desejo do leitor de manter o exemplar consigo. Além disso, a biblioteca é caracterizada por Barthes (2004) como uma das instâncias do recalque da leitura, argumentando que “em face da aventura do ler, ela é real, naquilo em que este chama à ordem o Desejo: sempre grande demais e pequena demais, ela é fundamentalmente inadequada ao Desejo” (Barthes, 2004, p. 35). Isto é, esses espaços são incapazes de possuir todos os livros existentes, portanto, vetados ao atendimento pleno dos desejos dos leitores. Dessa forma, na ausência do livro almejado, o leitor é compelido a escolher outro disponível ou recorrer a outras possibilidades, como o formato digital, embora nele

possa haver um esvaziamento do simbolismo que o livro físico representa para muitos.

O desejo pelo livro também foi tratado por Clarice Lispector no conto *Felicidade Clandestina*, ao apresentar a trajetória de uma leitora na busca por emprestar o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, pertencente a uma colega de escola. Quando a personagem finalmente consegue o volume, sua primeira reação é sentir o livro em seu corpo:

Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo (Lispector, 1998, p. 12).

Nessa narrativa, Lispector (1998) retrata o desejo do leitor de possuir o livro, tocá-lo e senti-lo em suas mãos, sentimentos esses que extrapolam a vontade de acessar o seu conteúdo. Tal situação, embora ficcional, em certa medida, se assemelha ao que parte dos estudantes enuncia em suas entrevistas, quando relatam sua predileção pelo acesso às obras por meio do suporte impresso. Todavia, possuir o livro, enquanto objeto físico, por diferentes motivos, nem sempre é possível, fazendo com que os leitores busquem outras formas de apaziguar o seu desejo. Uma dessas formas tem sido o acesso das obras em formato digital.

Todavia, é importante destacar que nem todos os textos até hoje produzidos estão disponíveis tanto no formato impresso quanto no digital, existindo muitas vezes exclusivamente em um dos dois. Esse cenário figura também como um dos fatores que ainda cria diversas situações de falta de acesso às obras por alguns setores da sociedade.

Na complexidade que essa conjuntura representa, a era digital tem impactado o campo editorial, agilizando alguns processos, conforme Ana Elisa Ribeiro (2017), tanto para escrever quanto para diagramar, imprimir, publicar e circular os textos, processo que, segundo a pesquisadora, tornou mais fácil para os autores divulgarem o seu trabalho, especialmente aqueles que estão iniciando no campo literário. Sendo assim, atualmente, um indivíduo pode escrever o seu texto diretamente no

computador (ou por meio de outras ferramentas tecnológicas), formatá-lo e distribuí-lo em *e-book*, utilizando para isso diversas plataformas, sites ou redes sociais, sem ter que passar seu trabalho por um crivo editorial, ou custear uma produção impressa independente.

Um exemplo dessa dinâmica é a plataforma *Kindle Direct Publishing* (KDP), da Amazon, que permite autores independentes publicarem gratuitamente suas obras em formato digital, além de oferecer a possibilidade de comercialização desses textos por meio da própria plataforma.

Jhon Thompson (2021) aponta que a KDP foi lançada em 2007 como parte do acervo de obras disponíveis para leitura no leitor digital Kindle e se fortaleceu ainda mais com a introdução do *Kindle Unlimited*⁴, em 2014. Embora existam diferentes opções de serviços de autopublicação, para Thompson (2021), é evidente que a Amazon tem força dominante nesse setor, o que lhe dá o poder de modelá-lo em seu benefício.

Embora a autopublicação não seja algo exclusivo da cultura digital, é fato que houve uma ascensão desse procedimento devido à criação de diferentes plataformas para tais fins. Nesse contexto, o próprio escritor pode fazer todas as etapas por meio das ferramentas tecnológicas, sem precisar dos serviços de uma gráfica, alcançando o seu objetivo de fazer circular o seu texto, muitas vezes, até mesmo recebendo uma parcela maior dos resultados financeiros de seus direitos autorais, conseqüentemente dos lucros do que obteria em processos editoriais tradicionais.

Assim sendo, evidencia-se que na cultura digital, muitas vezes, a impressão em papel é dispensável para o texto chegar ao leitor, pois este pode acessá-lo apenas pelo meio virtual. Entretanto, não podemos desconsiderar o valor simbólico que o livro impresso carrega, o que faz com que muitos autores bem-sucedidos em suas publicações no meio digital busquem maneiras de publicá-las também na versão impressa.

⁴ *Kindle Unlimited* é um serviço de assinatura da Amazon que oferece acesso a um catálogo com mais de um milhão de livros digitais por uma taxa mensal fixa. Os assinantes podem ler e baixar quantos títulos desejarem, mas podem ter até 20 títulos simultaneamente emprestados.

Como exemplo, podemos citar o escritor José Roberto Torero, que utiliza as redes sociais *Facebook* e *Instagram* para publicar diversos textos visando a sua divulgação e visibilidade. Tal ação ganhou destaque com as sátiras ao governo Bolsonaro publicadas diariamente, desde 02 de janeiro de 2019, em uma página no *Facebook*, que atualmente conta com mais de 40 mil seguidores, fato que levou o escritor a reunir tais textos em volumes impressos, surgindo a série intitulada *Diário do Bolso*, em maio de 2019, publicada pela editora do próprio autor, a Padaria de Livros.

O caso do escritor José Roberto Torero evidencia as influências da cultura digital no atual contexto de publicações literárias. Diferentemente do processo tradicional, que exigia que o texto passasse por um crivo editorial até chegar ao público leitor, verificamos que, no caso do supracitado autor, houve uma inversão: primeiro seus textos encontraram o público leitor no âmbito digital, e depois transformaram-se em uma obra com sua existência no formato impresso.

De forma distinta das publicações tradicionais em que a obra deveria ser publicada por alguma editora para ter chances de chegar ao leitor, no contexto de potencialização da cultura digital, é possível que o escritor encontre primeiro os seus leitores por meio da publicação de seus textos em diferentes plataformas digitais, e caso haja interesse da parte deles, os publica em formato impresso, aumentando ainda mais sua circulação.

No contexto escolar, as ferramentas tecnológicas vêm sendo introduzidas, nos últimos anos, sob o pretexto de que os estudantes, considerados nativos digitais, as apreciam e as manuseiam com certa destreza, podendo ser, portanto, relevantes para o processo de ensino e aprendizagem. É nesse sentido que os governos, e aqui chamamos especial atenção para o paranaense (tendo em vista que a pesquisa foi realizada com estudantes de escolas do Paraná), têm implementado o uso de diferentes plataformas, inclusive para atividades de leitura.

Dentre os diversos mecanismos digitais de suporte às práticas escolares, figura a plataforma *Leia Paraná*⁵, adotada em 2023, com o objetivo de “fomentar o gosto pela leitura, desenvolver competências leitoras, fortalecer o hábito de ler nas

⁵ A plataforma é acessível pelo link.

diferentes áreas do conhecimento e contribuir para o desenvolvimento da cultura digital” (Paraná, [2023]).

À primeira vista, essa iniciativa se mostrou benéfica para os estudantes, afinal, constitui uma forma mais de acesso a livros diversos. Entretanto, a forma como essa política foi implementada revelou que os objetivos estão apenas no nível do discurso, pois na prática o uso da plataforma para a leitura tornou-se mais uma atividade obrigatória no contexto escolar, sem uma perspectiva para formação leitora por meio do acesso a obras literárias.

O seu uso para a leitura tornou-se compulsório, com acessos contabilizados em números, pressionando professores e estudantes a utilizarem-na dentro de um cronograma que impõe quantidade em lugar de qualidade leitora, na medida em que os sucessos obtidos nos percursos de leitura são registrados pelo número de páginas acessadas e pela correção das respostas a questões que se intercalam entre um capítulo e outro dos livros. Nesse modelo, a necessária relação afetiva a ser instaurada entre jovem, objeto de leitura e mediador foi totalmente desconsiderada, em função do desconhecimento de que o processo de leitura não implica apenas o acesso, mas o comparecimento de um leitor com todo seu corpo e desejo.

Sendo assim, a plataforma *Leia Paraná* está cercada por diversas questões problemáticas; dentre elas, chamamos a atenção para o fato de que nem todos os estudantes querem ou se sentem motivados a ler textos literários em telas.

A pesquisa de Batista (2025) demonstrou, a partir dos dados obtidos por meio de respostas a questionários e entrevistas, que a maioria dos jovens participantes preferia ler textos em suporte impresso em vez de digital. Assim, embora eles fizessem uso de diferentes suportes para ampliar suas possibilidades de acesso aos textos literários, o livro impresso ainda se destacava como a escolha predominante, caso fosse possível escolher entre os formatos disponíveis.

Outro aspecto relevante na relação com o livro é a mediação. Para muitos indivíduos, o encontro com os livros acontece por intermédio de alguém, conforme Michèle Petit (2009), seja um familiar, um amigo, um influenciador digital, um professor, um bibliotecário etc. O mediador atua de diferentes formas, instigando ou

compartilhando uma leitura, seja acolhendo a subjetividade do leitor, seja planejando atividades que auxiliam no processo de leituras mais complexas. Nesse contexto, a escola, embora não seja o único espaço, tem grande relevância na promoção do encontro dos jovens com a leitura.

Todavia, em *Literatura na escola: práticas docentes e formações subjetivas*, as autoras Lima, Batista e Zamariam (2023) apontam que, apesar dos avanços teóricos e metodológicos da leitura literária, a instituição escolar ainda é permeada por práticas que pouco favorecem o engajamento afetivo e subjetivo dos jovens. As autoras enfatizam que a leitura é, muitas vezes, imposta como mais uma atividade escolar a partir de uma visão utilitária. Com frequência, o foco recai sobre a história da literatura apresentada em ordem cronológica, e os textos literários, quando presentes, aparecem em fragmentos apenas para ilustrar estilos, épocas ou autores, enquanto a leitura efetiva, quando proposta, fica destinada ao tempo livre do estudante fora da escola.

Metodologia

Na pesquisa de doutorado, desenvolvida por Batista (2025), no âmbito da Universidade Estadual de Londrina (UEL), objetivou-se identificar como os dispositivos digitais interferem ou não na ampliação da leitura literária entre os jovens do Ensino Médio (EM). Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo, de natureza exploratória, com abordagem qualitativa, da qual participaram estudantes dos terceiros anos do EM de cinco escolas estaduais, localizadas na região central da cidade de Londrina-PR.

A escolha pelas escolas centrais foi motivada pelo perfil do público atendido, geralmente composto por estudantes com melhor poder aquisitivo e maior acesso a recursos, como dispositivos digitais. Além disso, essas instituições atraem alunos de outras localidades por serem socialmente percebidas como “melhores”, em razão de fatores como infraestrutura mais qualificada, maior aporte de recursos governamentais e oferta ampliada de atividades extracurriculares, fazendo com que obtenhamos um conhecimento razoável do grupo focado.

Para a coleta de dados, dois instrumentos foram utilizados. O primeiro deles foi um questionário *on-line*, respondido por 472 estudantes. Já o segundo foi uma entrevista semiestruturada, da qual participaram dez leitores, que leem em diferentes suportes, escolhidos por meio de cinco critérios.⁶

Esses leitores foram entrevistados pela pesquisadora presencialmente em 2022, com o auxílio de um aparelho celular, que possibilitou gravar suas respostas em áudio. As entrevistas foram transcritas posteriormente, priorizando seu conteúdo, sendo inseridas em itálico no corpo do texto e entre aspas.

Para caracterizar a amostra da pesquisa, apresentamos a seguir um breve perfil dos leitores entrevistados. Para tanto, delimitam-se a categoria a que pertencem, os codinomes elegidos para preservar suas identidades, o gênero, a idade e os suportes adotados para leitura, categorizados entre aqueles que são utilizados com mais frequência e/ou aqueles que são preferidos.

Quadro 1 – Perfil dos jovens entrevistados

Categorias	Codinomes dos leitores	Gênero	Idade	Suportes	
				Frequentes	Preferidos
Papel (CP)	Ev_CP	Feminino	17	Papel	
	Be_CP	Feminino	17	Papel	
	Mi_CP	Masculino	17	Papel	
Tela (CT)	Ke_CT	Feminino	17	Tela e papel	Tela
	Ga_CT	Feminino	17	Tela	Tela e papel
	Gu_CT	Masculino	17	Tela	
Papel e tela (CPT)	Va_CPT	Feminino	16	Tela e papel	Papel
	Ed_CPT	Masculino	17	Tela e papel	Papel
	An_CPT	Feminino	17	Tela e papel	

⁶ Os critérios utilizados para a seleção dos participantes foram desenvolvidos com base nas respostas dadas ao questionário, tendo em vista as seguintes perguntas: (1) você se considera um(a) leitor(a)?; (2) você lê obras literárias com frequência?; (3) quantas obras literárias você leu nos últimos 12 meses?; (4) você leu obras literárias no PAPEL durante o Ensino Médio? Você leu alguma obra literária na TELA durante o Ensino Médio?; (5) você lê obras literárias com mais frequência na tela, papel ou oscila entre os dois? Qual o suporte você prefere para leitura de textos literários longos? Tais critérios são detalhados na tese *Os jovens e a leitura literária na era digital: democratização do acesso e labirinto de possibilidades*, podendo ser consultada para maiores informações.

	Le_CPT	Feminino	16	Tela e papel
--	--------	----------	----	--------------

Fonte: Baseado em Batista (2025).

Observamos que os jovens entrevistados têm seus suportes de leitura preferidos, bem como aqueles aos quais recorrem com mais frequência, o que pode coincidir, como no caso de seis leitores (**Ev_CP**, **Be_CP**, **Mi_CP**, **Gu_CT**, **An_CPT** e **Le_CPT**), ou divergir, no caso de quatro deles (**Ke_CT**, **Ga_CT**, **Va_CPT** e **Ed_CPT**).

De modo geral, fica evidente que os participantes utilizam diferentes suportes para a leitura, embora geralmente possuam preferências, entre as quais o impresso se destaca. Contudo, como nem sempre o texto desejado está disponível no suporte preferido, muitas vezes os leitores precisam optar por outro. Assim, este artigo enfoca as respostas dos dez entrevistados acerca dos motivos que os levam a ler em um suporte diferente daquele preferido, tema que será explorado na próxima seção.

A escolha do suporte: afetividade, disponibilidade e propósito

O fato de os leitores lerem com frequência em determinado suporte, muitas vezes, resulta do quanto esse material lhes é acessível ou não; afinal, nem todos os textos são publicados em ambos os formatos, ou nem sempre os leitores têm possibilidades de os acessarem no que lhes é almejado. Diante disso, para lidar com essa questão, muitos renunciam ao suporte preferido a fim de priorizar o acesso ao texto.

Ao lado das possibilidades de acesso ao suporte da preferência do leitor, mostra-se relevante também a **afetividade**, elemento que perpassa as escolhas de leitura dos jovens, seja vinculado ao próprio texto, ao objeto em que lhe serve como suporte da escrita, ou mesmo em função da pessoa que lhes indicou determinada obra, conforme revelaram as entrevistas com os estudantes participantes da pesquisa.

Estabelecida num processo em que a afetividade é fator indispensável, a mediação foi um dos fatores que levaram a leitora **Ev_CP**, que preza pelos livros

físicos, a ler na tela. Na entrevista, ela menciona uma situação em sala de aula em que ocorreu a atividade de leitura em suporte digital e cuja experiência foi positiva, embora não a tenha prosseguido. A obra lida foi levada à escola por uma professora estagiária com o objetivo de abordar uma literatura cobrada em uma prova de vestibular. Contudo, a abordagem então realizada, com foco no processo de leitura e não nos elementos cobrados em exames vestibulares, parece ter tocado a estudante, o que se evidenciou ao dizer: *“Ela [professora-estagiária] tinha o livro no físico, mas ela mandou também o PDF para gente. [...]. Mas como ela mandou e foi lendo com a gente, eu fui ali acompanhando dentro para o meu celular. Eu achei bem melhor e gostei bastante do livro, até onde eu li”*.

De acordo com o enunciado da estudante, a atividade de leitura orientada se deu por meio de leitura em voz alta feita pela professora e acompanhada pelos alunos no suporte digital, fazendo com que a aluna registrasse a impressão de que não só ouviu a história lida pela professora, mas que também a leu. Essa prática chama a atenção, pois não acontece sempre no contexto escolar, conforme ressaltado em pesquisas como a de Batista (2019), que expõe que a leitura é uma atividade, muitas vezes, relegada ao tempo livre dos estudantes, fora da sala de aula. Além disso, esse relato nos leva a considerar que os textos em PDF, em alguns casos, são uma alternativa interessante, se utilizada pelos docentes para viabilizar atividades que requeiram o acesso a um texto literário por todos os estudantes da classe.

A afetividade também se manifesta na relação estabelecida com o próprio texto. O contato inicial ou prolongado com determinada obra, muitas vezes, leva os leitores a acessarem o suporte físico após um primeiro contato com o digital. A exemplo disso, dois leitores indicam que, ao apreciarem muito um texto, ponderam adquiri-lo no formato físico. Isto é, se for um texto muito apreciado, o livro merece ser lido ou adquirido nesse formato. É possível considerar que essa situação seja oriunda do fato de tais leitores associarem o objeto livro impresso, sua compra e mesmo a posse, com algo concreto e permanente, algo não experimentado quando do empréstimo, por exemplo, que pode ser caracterizado pela ausência ou provisoriedade da posse. Por outro lado, a relação de aquisição também funda um

outro tipo de compromisso com a obra, na medida em que exige planejamento prévio e investimento financeiro.

Nesse cenário, **Ga_CT** enfatiza que, embora leia com frequência nas telas, quando gosta muito do livro, parte para o papel. Como exemplo, ela cita o livro *After*, da autora Anna Todd, o primeiro de uma série de seis obras, dizendo: *“Aí eu li o primeiro na tela, apaixonei pela história, daí o resto no papel”*. É notável, nesse caso, a relação afetiva da estudante com os livros impressos, optando por esse suporte ao apreciar uma obra em específico. Em casos como esse, o suporte digital parece ser uma primeira opção devido às facilidades de acesso (financeiras, por exemplo) ou quando o texto não instiga o desejo da leitora, sendo a motivação para o prosseguimento da leitura apenas a curiosidade pelo desfecho da obra, conforme afirma: *“[Na tela] são livros que me chamam interesse, mas não fazem me apaixonar pela história. Só que eu tenho vontade de ler até o final”*. Chama a atenção a diferença estabelecida pela leitora **Ga_CT** entre livros pelos quais apenas tem “interesse”, portanto, satisfaz-se ao lê-los apenas na tela, e livros por que “se apaixona”, levando-a a querer lê-los no papel. Nesse sentido, a fala da leitora destaca o fato de que cada indivíduo é afetado pela leitura de diferentes formas, o que reflete também no suporte eleito para tal atividade.

Já **Gu_CT** ressalta que opta por ler no papel apenas em situações específicas. Ele conta que, por apreciar os textos de uma determinada autora, adquiriu o livro físico como uma forma de remunerá-la pelo seu trabalho, o mesmo ocorrendo quando gosta muito de uma série. O estudante destaca serem esses motivos que o levam a *“comprar o livro, ao invés de ler on-line”*. Diante disso, **Gu_CT** mostra-se bem criterioso na seleção das leituras bem antes de efetuar uma compra de um livro impresso, optando por aqueles que implicam a sua afetividade.

Outro ponto mencionado pelos entrevistados, ao destacarem suas motivações para ler um texto em um suporte diferente daquele preferido, refere-se à **disponibilidade** do material. Isto é, há obras disponíveis apenas em um dos suportes, o que está relacionado ao idioma ou mesmo ao formato de sua publicação.

Em suas entrevistas, **Be_CP** e **Le_CPT** ressaltaram que algumas obras estão disponíveis apenas no formato digital, porque ainda não foram traduzidas para o

português ou ainda não foram publicadas no Brasil. Isso demonstra que o processo de globalização, que também afeta a circulação dos bens culturais, tem impactado cada vez mais as leituras dos jovens, pois é possível ter acesso a textos produzidos em outras línguas a partir da internet, e não apenas aqueles traduzidos e publicados na forma impressa no Brasil.

A esse respeito, **Le_CPT** expõe que: “*Aí eu tenho que pegar e ficar traduzindo pelo celular porque não tem*”. Essa fala revela um dos benefícios da leitura no digital quando se trata de textos em outros idiomas, pois ao se deparar com uma palavra desconhecida, pode traduzi-la de forma rápida, sem precisar acessar outro suporte, como um dicionário, o que pode ser uma ação mais demorada e até desmotivadora. Desse modo, a partir dos conhecimentos da língua e recursos tecnológicos, como aplicativos tradutores, **Le_CPT** parece efetivar suas leituras conforme seus desejos, ao menos parcialmente, afinal, fica claro que preferiria ler uma versão já traduzida da obra.

Além da questão do idioma, na atualidade há muitos textos publicados apenas em um dos suportes, fazendo com que os leitores renunciem às suas preferências a fim de acessar seu conteúdo. Esse aspecto é destacado por duas entrevistadas:

Ke_CT: *Tem muitos livros que estão na tela no Kindle e que não estão no papel ainda [...] tem que fazer primeiro na tela para ver se faz sucesso [...].*

Va_CPT: *Eu leio histórias originais que só tem na tela. Eu acabo lendo na tela mesmo porque não tem outra opção.*

As falas de **Va_CPT** e **Ke_CT** remetem ao processo do mercado editorial na atualidade, marcado, conforme Thompson (2021), pela ampliação da autopublicação. Esse fato está relacionado, em grande parte, à criação de diferentes plataformas para tais fins, como o KDP, ou mesmo à adaptação de aplicativos, como no caso das redes sociais, que, embora tenham outro propósito inicial, também podem ser utilizadas para a divulgação e circulação de textos literários.

No caso de **Va_CPT**, chama a atenção a escolha lexical por “original”, ao se remeter não ao conteúdo em si, mas ao suporte, ou seja, textos que só têm existência no digital. Ao se referir a esse tipo de publicação, cita o livro *Toca das*

Raposas. Trata-se do primeiro livro de uma trilogia de Nora Sakavic, que ganhou tradução e versão impressa no Brasil apenas em 2023, um ano após a entrevista com essa leitora. Publicada em 2013 na língua inglesa, essa obra teve uma tradução feita por fãs e ampla divulgação em sites e plataformas digitais. Ao fazer sucesso no formato digital, a obra conquistou o formato impresso. Desse modo, observa-se uma tendência também adotada pelo mercado editorial de transformar em livros físicos textos que já tiveram seu sucesso atestado no digital, fato já percebido pela leitora **Ke_CT**.

Temos ainda o fato de que a opção por suportes para a leitura literária entre os jovens parece estar condicionada à disponibilidade dos textos, afinal, nem sempre eles são apresentados nos dois formatos.

A esse respeito, **Be_CP** destaca sua postura ao deparar-se com dificuldades de acessar os livros físicos: *“Aí eu tenho que me render a ler na tela. Porque às vezes são livros que você até encontra de graça. Porque não pode piratear livro, é feio.”* Nessa frase observamos a escolha lexical feita pela estudante para referir-se à opção compulsória pela tela, “render-se”, muito usada no contexto de guerra, no qual o lado derrotado tem que se submeter ao seu inimigo. É possível, assim, inferir que a leitora apresenta resistência para adotar as telas como principal suporte para a leitura, mas, ao esgotar outras possibilidades de acesso, torna-se difícil não recorrer a elas. Sendo assim, ela deixa claro que leitura na tela não é a sua primeira opção, mas se torna uma delas devido ao contexto, por vezes, restrito, conforme descreve: *“às vezes, eu estou sem dinheiro e aí eu busco o livro e não encontro em biblioteca”*. Tal situação explicita a perspectiva barthesiana que diz respeito ao recalque da leitura. Segundo o autor, a biblioteca é sempre inadequada ao desejo, o que leva ao *recalque da leitura*, pois nunca possui todos os livros almejados pelos leitores, conduzindo-os, então, a substituir seu desejo por algo disponível no momento. No caso do relato de **Be_CP**, a obra não é substituída, mas seu modo de acesso o é, o que representa uma redução da potência do desejo em relação a ela, uma rendição em lugar de um encontro.

Nessa perspectiva, **Ed_CPT** enfatiza que sua opção pela leitura de obras na tela se dá *“Às vezes por ser mais difícil de encontrar ou por ser muito caro*

fisicamente.” O enunciado traz implícito o fato de que nem todos os livros estão disponíveis na biblioteca, e comprá-los nem sempre é uma opção. Desse modo, suas considerações remetem ao fato de que o alto custo dos livros, especialmente os físicos, dificulta sua aquisição, tornando-se essa realidade outra faceta do recalcado da leitura e fazendo com que, assim como **Be_CP**, parta para a leitura na tela.

Já **An_CPT** paga a assinatura do *Kindle Unlimited*, o que lhe permite alguns benefícios: *“Então, eu tenho muito mais acesso a contos e às coisas nacionais do que eu teria nas questões físicas. Então, se eu quero assim alguma coisa mais nacional, eu tento procurar no Kindle mais que no papel”*. A fala da estudante revela que autores nacionais, muitas vezes pouco conhecidos, têm seus textos disponibilizados apenas em versão digital, o que reflete o impacto dos avanços tecnológicos no campo editorial, conforme destacado por Ribeiro (2017) e Thompson (2021).

A fala de **An_CPT** ainda revela que, além de sua assinatura do *Kindle Unlimited*, realiza a compra de livros tanto em formato digital quanto físico. Todavia, deixa claro que sua preferência de compra é por livros impressos, que acompanha e compara os valores, sendo suas leituras na tela normalmente de textos inclusos em sua assinatura do *Kindle Unlimited*. A estudante destaca que já comprou “algumas vezes” textos digitais, e cita um exemplo: *“A Clara Alves é uma autora nacional que eu gosto bastante de alguns livros dela. Tem no Kindle Unlimited, outros não. Então, os que não tem, comprei na tela”*.

Por fim, outro aspecto relevante para a escolha do suporte refere-se ao propósito da leitura. Acerca disso, **Mi_CP** enfatizou que busca uma obra no digital quando tem interesse acadêmico por ela, ou seja, para estudá-la. Ele ressalta que aprecia fazer anotações durante a sua leitura, para a qual utiliza papéis, ou mesmo a ferramenta do *Word*, destacando que *“um professor [...] apresenta as características, quando vejo que tem uma característica que achei, eu já anoto. Essa característica que o autor queria colocar [...] era tal coisa. [...] Eu gosto de rever, de absorver de novo, tudo de novo, lembrar tudo que li”*. Percebemos aqui que esse leitor vincula suas práticas leitoras com as práticas escolares, buscando encontrar no texto aquilo

que foi estudado em aula. É provável ainda que, mesmo que **Mi_CP** prefira o papel, por não se tratar de um texto eleito por ele, acessá-lo na tela seja suficiente para cumprir a tarefa escolar, o que difere de outras situações em que se distinguem os contextos e a relação estabelecida entre as obras.

A questão do propósito da leitura e sua relação com o suporte também foi observada na pesquisa desenvolvida com jovens por Ribeiro (2020). Ela constatou que os livros cobrados pela escola não são necessariamente objetos desejados pelos estudantes, por isso, muitos recorrem aos textos em formato PDF. Então, para cumprir a determinação escolar, os alunos buscam outras maneiras, muitas vezes gratuitas, de acessá-los, como a leitura na tela (especialmente quando não há exemplares suficientes para todos na biblioteca escolar), sem que para isso tenham que adquirir os livros e realizar um investimento financeiro dissociado do investimento afetivo.

Considerações finais

A escolha do suporte para a leitura, muitas vezes, está relacionada ao propósito da leitura, à afetividade envolvida com o texto ou com o mediador, ou ainda à disponibilidade da obra em determinado suporte. Trata-se, portanto, de uma decisão atravessada por múltiplos fatores, que vão além do simples desejo de acessar o texto no formato preferido pelo leitor.

Constatamos que os leitores recorrem ao papel ou à tela segundo a **disponibilidade** de cada texto, algo destacado por seis entrevistados ao exporem que: alguns livros só estão disponíveis no formato digital, como obras estrangeiras que ainda não foram traduzidas para o português ou publicadas no Brasil; os textos são lançados por autores independentes apenas em formato digital; o acesso no formato almejado é impedido por diferentes motivos, como por não estar disponível na biblioteca próxima a sua localidade ou pela falta de condições financeiras para adquirir um exemplar.

Ainda, três leitores enfatizam que a **afetividade** com o texto implica na escolha do suporte, tendo sido ela despertada pela mediação de alguém ou pelo enlace com o próprio texto.

Por fim, apenas um leitor apontou que escolhe o suporte de acordo com o **propósito** de sua leitura, destacando que, no contexto escolar, satisfaz-se em ler na tela, mesmo preferindo o papel para outras práticas leitoras.

Vale ressaltar que, ao se apresentar um texto em um único formato, o acesso dos leitores torna-se limitado. No caso do livro com existência apenas impressa, seu acesso está limitado àqueles que conseguem comprá-lo ou emprestá-lo de uma biblioteca. Do mesmo modo, sua existência apenas digital disponibiliza a obra somente àqueles que possuem ferramentas tecnológicas com aplicativos compatíveis com o arquivo que permite acessá-las. Em ambos os casos, observam-se não apenas barreiras de ordem material, mas também situações que atingem o campo da subjetividade e dos afetos, uma vez que as preferências individuais dos leitores, seja pela leitura no papel ou em telas, também influenciam o vínculo com a obra e o desejo pela leitura.

Referências

BARTHES, R. *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BATISTA, P. C. *Formação de leitores literários no ensino médio: tecendo histórias*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/13569>. Acesso em: 3 abr. 2025.

BATISTA, P. C. *Os jovens e a leitura literária na era digital: democratização do acesso e labirinto de possibilidades*. 2025. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/18874>. Acesso em: 10 abr. 2025.

FREUD, S. *Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips]*. São Paulo: Grupo Autêntica, 2020. Edição crítica Bilingue. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786588239933/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

JOUE, V. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LEITE, S. A. S. Afetividade no processo de constituição do leitor. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 6, n. 1, p. 25-52, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/2346>. Acesso em: 20 ago. 2025.

LIMA, S. O.; BATISTA, P. C.; ZAMARIAM, F. S. Literatura na escola: práticas docentes e formações subjetivas. In: OLIVEIRA, E. G. et al. *Duas décadas de contribuições do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - UEL*. 1 ed. Londrina: EDUEL, 2023. p. 287-312.

LISPECTOR, C.. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. *DLCV: Língua, Lingüística e Literatura*, João Pessoa, v. 1, n.1, p. 9-40, out. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7434>. Acesso em: 24 set. 2025.

PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIBEIRO, A. E. O bibliógrafo digital: questões sobre a materialidade do livro no século XXI. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 22, p.120-130, jul. 2017. Número especial. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3236>. Acesso em: 2 abr. 2023.

RIBEIRO, A. E. Sem modo avião: jovens e leitura de livros, hoje. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 25. n. 1, p. 93-108, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v25i1p93-108>. Acesso em: 17 abr. 2024.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. *Plataformas Educacionais - Leia Paraná*. Curitiba: SEED, [2023]. Disponível em: https://professor.escoladigital.pr.gov.br/plataformas_educacionais/leia_parana. Acesso em: 21 abr. 2024.

THOMPSON, J. B. *As guerras do livro: a revolução digital no mundo editorial*. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

Recebido em: 15 set. 2025.
Aprovado em: 26 jan. 2026.

Revisor de língua portuguesa: Felipe Rodrigues da Silva
Revisora de língua inglesa: Ana Paula Luiz dos Santos Aires
Revisora de língua espanhola: Beatriz Grenci

